

Apresentação

A questão do método nos estudos literários e linguísticos parece ser, em momento de questionamento de paradigmas, uma noção em crise. Associadas às ideias de rigor, disciplina e modelo, metodologias de abordagem dos fenômenos da linguagem parecem reduzir-se a uma atitude analítica baseada em receitas a serem seguidas, dotadas de previsibilidade e constância. A adoção de um método, assim, estaria vinculada a uma certa ideia de ciência historicamente associada a experiência controlada e objetividade.

As ciências humanas, e mais particularmente as ciências da linguagem, sempre resistiram a essa concepção estreita de ciência e propuseram, ao longo da história das disciplinas envolvidas, um alargamento na direção da experiência como vivência do corpo, dos sentidos e da lógica discursiva intelectual e uma consequente problematização da perspectiva objetiva de interpretação dos fenômenos. Trata-se de restituir ao sujeito e à história suas funções no modo de produção da ciência e de acolher o esgarçamento das fronteiras disciplinares e a discussão crítica dos paradigmas.

Se a atitude de questionamento tem ampliado as possibilidades de análise, há sempre procedimentos a tomar numa análise, há sempre pressupostos de leitura que a condicionam e, por essa razão, a questão do método sofre uma espécie de eterno retorno. Um panorama dos estudos de linguagem hoje no Brasil exhibe uma evidente tensão entre os estudos linguísticos e os literários, que se revela, na prática, na separação das duas áreas nos Programas de Pós-graduação e Departamentos, explodindo a noção de Letras como campo unificado, abrangente e consensual. Observa-se uma crescente diferença entre a linguística, dedicada a afirmar-se como ciência por meio de métodos cada vez mais sujeitos a testes, programas estatísticos, controle de resultados e experiências, e a literatura, cada vez mais porosa ao contato com outras disciplinas e à absorção de teorias que inscrevem o problema literário no âmbito da cultura, da história e da experiência humana em sentido abrangente. É evidente que se fala aqui de oposições mais marcadas e que sempre haverá oscilações e deslizamentos que permitem flutuações de concepções e práticas.

A revista *Gragoatá* pretende, neste volume, oferecer boa e polêmica amostragem a respeito de metodologias, esperando com isso contribuir tanto para a discussão do conceito quanto para a exemplificação de métodos. Sempre vinculados a uma posição teórica, os modos de abordagem das manifestações de linguagem são bastante diferentes na linguística e na literatura e expõem o paradoxo que deriva da tensão entre a necessidade

do método como princípio de ação científica e a hiperproblematização que o abole.

No entanto, o leitor, ao folhear este volume, verá que os organizadores optaram por não separar rigidamente estudos literários de linguísticos, por considerar interessante e produtivo tensionar visões diferenciadas, tanto como forma de expor as fissuras e nítidas diferenças entre os dois campos de conhecimento quanto como convite à possibilidade de estabelecer interfaces entre eles.

O artigo de Luiz Costa Lima, que abre o volume, expõe exemplarmente a mencionada fratura teórica, ao recusar um método para a crítica literária no mesmo ato em que executa uma rigorosa e veemente crítica aos pressupostos e conceitos das leituras desconstrutivistas. Também aceitando a idéia da polêmica, Sírio Possenti confronta a linguística textual e a análise do discurso, apresentando os pontos conceituais que considera inconciliáveis entre as duas perspectivas teóricas, muitas vezes consideradas, especialmente pelos linguistas mais duros, como uma só teoria.

Se conceitos já difundidos têm sua discussão assegurada, o volume também se abre para proposta metodológica inovadora. Leonardo Davino de Oliveira elege uma experiência pessoal de audição e análise de canções para propor um método que considere o acaso, a relação amorosa do pesquisador com seu objeto e a reelaboração de teorias consagradas como possibilidade de percurso de conhecimento das poéticas da palavra cantada.

Paulo Cesar Duque Estrada reflete sobre a concepção ideal de método e encontra na própria emergência histórica da hermenêutica, segundo Gadamer, a raiz da problematização da noção. Já Olga Guerizoli-Lepinska escolhe o rigor do método, ao refazer a história do conceito de estranhamento (*ostranienie*) a partir de Viktor Chlovski, revelando o fundo prático-teórico que o viabiliza, problematiza e torna de novo pensável.

Sergio Ricardo Lima de Santana apresenta uma proposta de análise semiótica de romance fundamentada em Pierce, que permite maior interferência do analista na obra, enquanto Davi Andrade Pimentel, de modo mais enfático, ao expor os princípios da crítica-escritura de Leyla Perrone-Moisés, investe no apagamento dos limites entre a crítica e a obra.

No campo da linguística, várias são as contribuições que expõem ou exemplificam uma metodologia. O artigo de Tony Sardinha apresenta a perspectiva metodológica da Análise Multidimensional, muito usada na Linguística de *Corpus*. Trata-se de abordagem que lida com *corpora* eletrônicos para analisar padrões de ocorrências de elementos lexicogramaticais, permitindo, por exemplo, classificar textos em gêneros.

Outros artigos testam métodos de análise já conhecidos, como o de Maity Siqueira, Maitê Gil e Tamara Melo, que oferece dois estudos em que os autores verificam variáveis psicolinguísticas numa lista de sentenças que envolve material metafórico e

não metafórico, tendo como base a teoria da metáfora conceitual de Lakoff e Johnson. O artigo de Odete Pereira da Silva Menon, Edson Domingues Fagundes e Loremi Loregian-Penkal, ao relatar pesquisa sociolinguística no âmbito do projeto VARSUL, discute resultados de análise da concordância nominal, em razão de divergência ocorrida quando das rodadas com duas cidades do Paraná, Irati e Pato Branco, propondo considerar nova sobreposição de grupo de fatores na análise. Também amparado teoricamente na Sociolinguística laboviana, o artigo de Cássio Florêncio Rubio e Sebastião Carlos Leite Gonçalves aplica a metodologia a amostras do português falado no interior paulista e aponta como resultados a presença de fatores de natureza distinta, ora linguísticos, ora sociais, tanto na escolha entre as formas “nós” e “a gente” quanto na concordância verbal com tais formas. No âmbito da fonologia, o artigo de Liliane Pereira Barbosa discute, com base na Teoria da Cliticização e na Fonologia Prosódica, o estatuto da forma “cê”, defendendo sua existência como palavra e não como clítico.

Alguns artigos propõem de modo crítico a construção de uma metodologia. É o caso de Isabel Cristina Rodrigues e Décio Rocha, que reafirmam a solidariedade entre teoria, *corpus* e metodologia, ao apresentar uma análise dos debates a respeito da educação de surdos no Brasil, a partir da perspectiva teórica da análise do discurso de base enunciativa, considerando como fator de problematização da metodologia a prática linguageira analisada. Também Arnaldo Cortina, ao expor as novas bases da semiótica discursiva e exemplificar com um estudo sobre a veridicção e as paixões no discurso, está atento às necessidades de fazer avançar a teoria, por meio de método de análise que acolha uma práxis enunciativa feita de oscilações e gradações capazes de expressar as relações entre os sujeitos envolvidos na produção do sentido dos textos.

O artigo de Célia Regina dos Santos Lopes, Leonardo Lennertz Marcotulio, Márcia Cristina de Brito Rumeu e Alexandre Xavier Lima põe em discussão procedimentos metodológicos produtivos no processo de reconstrução dos perfis socioculturais de redatores de sincronias passadas da língua portuguesa, questionando a aplicação de categorias sociais, como gênero e grau de escolaridade, aos redatores dos textos analisados. Os autores indicam caminhos metodológicos que, estabelecendo conexões entre as formas linguísticas e a função social do informante, contribuem para o desenvolvimento de uma sociolinguística histórica do português.

Fecham o volume duas resenhas: Sílvia Maria de Sousa deteve-se sobre o livro de Luiz Tatit, *Semiótica à luz de Guimarães Rosa*, que, num exemplo da possibilidade de articular literatura e linguística, propõe a leitura de contos de Guimarães Rosa, considerando-os como verdadeiras reflexões semióticas sobre

a produção do sentido. Já Alexandre José Cadilhe, ao resenhar o livro organizado por Ana Cristina Ostermann e Beatriz Fontana, *Linguagem. Gênero. Sexualidade: clássicos traduzidos*, aponta para a importância dessa coletânea de artigos seminais desencadeadores da análise do discurso voltada para questões de gênero e identidade social.

A questão do método permanece aberta, urgente e estimulante. O conjunto de artigos e resenhas aqui apresentado propõe ao leitor justamente possibilidades de reflexão sobre o problema, que tanto pode reduzir-se à clássica dicotomia necessidade *versus* recusa de método quanto pode ganhar densidade e rendimento com a compreensão da metodologia como condição polêmica mas sempre definidora da pesquisa científica.